



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
PRÓ – REITORIA DE PÓS GRADUAÇÃO E PESQUISA - PRPGP
PRÓ REITORIA DE ENSINO MÉDIO, TÉCNICO E EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA -
PROEAD
PROGRAMA NACIONAL DE FORMAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA -
PNAP

MARIA DA SAÚDE DOS SANTOS LEITE

AVALIAÇÃO: Processo em construção

CAMPINA GRANDE
2022

MARIA DA SAÚDE DOS SANTOS LEITE

AVALIAÇÃO: Processo em construção

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentando a Coordenação / Departamento do Curso de Especialização em Gestão Pública Municipal da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Especialista em Gestão Pública Municipal.

Orientador: Prof. Ms Gilbergues Santos Soares.

**CAMPINA GRANDE
2022**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

L533a Leite, Maria da Saude dos Santos.
Avaliação [manuscrito] : processo em construção / Maria da Saude dos Santos Leite. - 2022.
20 p.

Digitado.

Monografia (Especialização em Gestão Pública Municipal) - Universidade Estadual da Paraíba, Pró-Reitoria de Ensino Médio, Técnico e Educação a Distância, 2023.

"Orientação : Prof. Me. Gilbergues Santos Soares ,
Coordenação do Curso de História - CÉDUC. "

1. Avaliação. 2. Ensino e aprendizagem. 3. Exclusão escolar. I. Título

21. ed. CDD 371.27

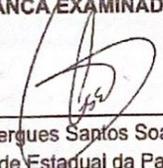
MARIA DA SAÚDE DOS SANTOS LEITE

AVALIAÇÃO: Processo em construção

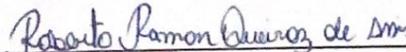
Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentando a Coordenação / Departamento do Curso de Especialização em Gestão Pública Municipal da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Especialista em Gestão Pública Municipal.

Aprovada em: 07/12/2022.

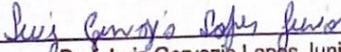
BANCA EXAMINADORA



Prof. Ms. Gilbergues Santos Soares (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Ms. Roberto Raimon Queiroz de Assis
Programa de Pós-Graduação em História (PPGH)
Universidade Federal de Campina Grande (UFCG)



Prof. Luiz Gervazio Lopes Junior
Programa de Pós-Graduação em História (PPGH)
Universidade Federal de Campina Grande (UFCG)

Ao meu c4njuge, minhas filhas e a Deus,
pois sem ele nada seria poss4vel.

“É preciso ter esperança. Mas tem de ser esperança do verbo esperar. Por que tem gente que tem esperança do verbo esperar. Esperança do verbo esperar não é esperança, é espera. “Ah, eu espero que melhore, que funcione, que resolva”. Já esperar é ir atrás, é se juntar, é não desistir. É ser capaz de recusar aquilo que apodrece a nossa capacidade de integridade e a nossa fé ativa nas obras. Esperança é a capacidade de olhar e reagir àquilo que parece não ter saída. Por isso, é muito diferente de esperar; temos mesmo é de esperar” (Paulo Freire)

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	7
2 (Re)avaliando os processos	10
3 Por quê, para quê, como e quando avaliar: procedimentos geminados	12
4 CONCLUSÃO	15
REFERÊNCIAS.....	17

AVALIAÇÃO: processo em construção

EVALUATION: Process in Construction

Maria da Saúde dos Santos Leite*

RESUMO

Este artigo problematiza a forma como historicamente o conceito avaliação esteve interpretado alheio aos demais processos formativos na cultura escolar, a fim de objetivar, da melhor forma possível, o processo ensino-aprendizagem do aluno. Nesse sentido, lançamos mão metodologicamente de uma revisão bibliográfica aliada que discuta o conceito e a instrumentalização da avaliação nos apoiando em trabalhos clássicos e mais recentes, bem como com o relato de experiência enquanto Coordenadora Escolar sentindo no dia a dia a angústia possivelmente causada pela má operacionalização da avaliação. Por fim percebemos que um processo sensível, que compreenda a profundidade, as camadas e as tessituras da cultura escolar é o horizonte para uma educação cidadã e democrática.

Palavras-chave: Avaliação. Ensino e Aprendizagem. Exclusão Escolar.

ABSTRACT

This article problematizes the historical way in which the evaluation concept was interpreted apart from the other formative processes in the school culture, in order to objectify, in the best possible way, the student's teaching-learning process. In this sense, we used a methodologically allied bibliographical review that discusses the concept and the instrumentalization of the evaluation, supporting us in classic and more recent works, as well as with the experience report as a School Coordinator feeling in the day to day the anguish possibly caused by the bad operationalization of the evaluation. Finally, we realized that a sensitive process, which understands the depth, layers and textures of school culture is the horizon for a citizen and democratic education

Keywords: Evaluation. Teaching and Learning. School Exclusion.

* Pedagoga (UVA - CE), Pós-graduada em Supervisão e Orientação Escolar (UNIFIP) e em Psicopedagogia (UNIFIP), atua como Coordenadora Pedagógica.

1 INTRODUÇÃO

Na epígrafe desse trabalho dialogo com Paulo Freire (1997) no livro *Pedagogia da Esperança* quanto ao verbo *esperançar*, pois problematizar, avaliar, reavaliar e construir coletivamente, a muitas mãos, novos caminhos para a educação é o cerne do processo de ensino-aprendizagem e, sobretudo, no que tange às possibilidades quanto às avaliações.

Nessa pesquisa nos debruçamos a uma exegese de trabalhos clássicos e fundamentais na compreensão do processo avaliativo, bem como de trabalhos mais recentes, publicados em formato de artigo em revistas acadêmicas como listado na Tabela 1.

Tabela 1: Coletânea de trabalhos utilizados na análise bibliográfica

Título	Autor (a, es, as)	Tipo	Ano de publicação
Indagações sobre o currículo e avaliação	Claudia Fernandes; Luiz Carlos Freitas	Livro	2008
Fracasso escolar e escola em ciclos: tecendo relações históricas, políticas e sociais	Claudia Fernandes	Artigo	Não informado
Crítica da Organização do Trabalho pedagógico e da didática	Luiz Carlos Freitas	Livro	1995
Avaliação educacional: caminhando pela contramão	Luiz Carlos Freitas; Maria Regina Lemes de Sorgi; Maria Marcia Sigrist Malavasi; Helena Costa Lopes de Freitas	Livro	2009
Avaliação Mito & Desafio	Jussara Hoffmann	Livro	2009
Didática	José Carlos Libâneo	Livro	1994
Didática, uma introdução	Imídeo Nerici	Livro	1984

A educação decolonial e avaliação escolar: a importância desse diálogo	Rodrigo Pain	Artigo	2019
Exclusão escolar: a história continua no século XXI	Mauro Pino	Artigo	2008
Avaliação: concepção dialética-libertadora do processo de avaliação escolar	Celso Vasconcellos	Livro	1995
Avaliação da aprendizagem do estudante	Angélica Zeferino; Sílvia Passeri	Artigo	2007

Fonte: Quadro elaborado pelo autor (2022)

No levantamento da coletânea de pesquisas que seriam utilizadas nesse trabalho, utilizamos o indexador Google Acadêmico e buscamos por palavras-chave como: “avaliação escolar”, “ensino-aprendizagem e avaliação”, “processo avaliativo” e “didática e avaliação”. Pudemos perceber que apesar da urgência do tema em questão, foram poucos os trabalhos recentes que encontramos, como podemos observar na coluna “Ano” da Tabela 1.

Como a ação educativa é exercida com o propósito de produzir modificações que permitem ao indivíduo atingir os objetivos previstos, é evidente a necessidade de verificar se essas mudanças estão ocorrendo. E, é a essa verificação, chamada de avaliação que muito tem se falado em nossas práticas do dia a dia escolar. Tema polêmico, é um dos maiores desafios na prática pedagógica. Temida ou elogiada, constitui uma etapa necessária ao processo de ensino aprendizagem. Entretanto, as distorções pelas quais o processo avaliativo tem se realizado no dia-a-dia de nossas escolas tem colaborado para a exclusão de grande parte da população de bancos escolares e ainda deixando alunos, professores e pais angustiados.

Partindo dessa premissa, avaliar exige reflexão sobre a realidade, a partir de dados, experiências em sala de aula, informações que não atravessam somente um momento estanque de uma prova, atividade ou outras formas ditas tradicionais de avaliação. Assim, torna possível ao professor/educador, ser capaz de emitir julgamentos que contribuam para a tomada de decisões.

Neste sentido, a avaliação precisa ser analisada sobre novos paradigmas, conhecendo e analisando as melhores formas de executá-la, buscando instrumentos úteis para direcionar a prática pedagógica de maneira justa e coerente a realidade de cada aluno.

Ainda assim é imprescindível que os professores tenham clareza do Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola, e o modo como a avaliação se incorpora ao mesmo. Assim, terão maior facilidade e aderência para identificar os instrumentos adequados para cada situação, sua finalidade e objetivo que deseja alcançar por meio deles. A função da avaliação escolar no interior do processo didático do Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola deve ser a de contribuir para que os objetivos escolares sejam alcançados, diagnosticando as dificuldades e subsidiando novos formatos avaliativos. A avaliação oferece suporte para tomada de decisão, visando à melhoria da qualidade do ensino aprendizagem, por meio da análise das ações em desenvolvimento.

A avaliação que problematizamos e propomos nessa pesquisa, a partir desse ponto de imbricação teórico-metodológico da pesquisa bibliográfica aliada ao relato de experiência profissional enquanto Coordenadora Pedagógica constrói o cerne desta pesquisa. Nosso objetivo geral, então, é problematizar a categoria avaliação e sua operação no contexto escolar afim de objetivar, da melhor forma possível, o processo ensino-aprendizagem do aluno.

A observação e a análise sobre a realidade assume papel importante neste trabalho, à medida que possibilita um conhecimento ampliado sobre a avaliação escolar como um dos elementos da didática, que como tal, deve contribuir para que a escola desempenhe bem seu papel. É pensando no aluno, no seu direito a um ensino de qualidade que a escola deve se estruturar e se organizar.

Esse trabalho se divide em três tópicos: em um primeiro momento, no tópico “(Re) avaliando os processos” problematizamos o processo de ensino-aprendizagem e como a categoria avaliação está imbricada com todo o bojo do que compreendemos como cultura escolar para; em um segundo momento, a partir das perguntas geradoras apontadas no próprio título do tópico “Por quê, para quê, como e quando avaliar: procedimentos geminados” compreendemos como o processo avaliativo corrobora na construção de subjetividades de alunos, alunas e professores operacionalizando o conceito de exclusão na/da escola; por fim, na conclusão

apontamos como a operacionalização teórica, metodológica e prática desses conceitos mudam a realidade escolar.

2 (Re)avaliando os processos

“ensinar é um verbo transitivo-relativo. Quem ensina ensina alguma coisa – conteúdo – a alguém – aluno” (FREIRE, 1997, p. 56)

A avaliação é parte do processo que se retroalimenta junto à aprendizagem, para as pesquisadoras Angélica Zeferino e Silvia Passeri (2007), podemos definir a aprendizagem “de forma sintética como o modo como os seres humanos adquirem novos conhecimentos, desenvolvem competências e mudam o comportamento” (p. 39). Ainda para as pesquisadoras, “a aprendizagem requer assimilação, interpretação do conteúdo e raciocínio de como aplicar esse conhecimento à prática do indivíduo” (p. 40).

A categoria *avaliação* não deve ser vista fora do escopo do processo de aprendizagem, visto que “a avaliação é um instrumento de aprendizagem, pois exerce um poderoso efeito sobre ela [...] o processo de avaliar consiste essencialmente em determinar em que medida os objetivos educacionais estão sendo alcançados” (ZEFERINO; PASSERI, 2007, p. 40). Nesse sentido, cabe ao professor uma visão ampla e horizontal na administração da progressão da aprendizagem dos alunos.

A avaliação educativa é um processo complexo, que começa com a formulação de objetos e requer a elaboração de meios para obter evidências e resultados. Interpretação de resultados para saber em que medida foram os objetivos alcançados e formulação de um juízo de valor. (NERECI, 1983).

As avaliações ou “exames” escolares como conhecemos na contemporaneidade foram “sistematizados no decorrer dos séculos XIV e XVII, junto a exigências da modernidade” (PAIN, 2009, p. 108). Nos dias atuais, após as profundas discussões teóricas, filosóficas e práticas das diversas vertentes do que chamamos de Teorias da Educação, nos alinhamos à definição de Zeferino e Passeri que apontam

a avaliação deve se processar em função dos objetivos do curso. A avaliação é um método de coleta de dados necessários à melhoria da aprendizagem. Ela auxilia no esclarecimento de metas, na tomada de

decisão em relação às mudanças curriculares e determina cada passo do processo ensino-aprendizagem, indicando sua eficácia⁸. A aprendizagem deve ser avaliada de forma contínua e sistemática para oferecer um feedback ao aprendiz, assumindo, assim, uma dimensão orientadora e não seletiva. (2007, p. 40).

Nesse contexto a avaliação vai assumindo modelos diferenciados, conforme as diferentes concepções de homem, de sociedade, de educação, do processo de ensino-aprendizagem, de trabalho pedagógico e de trabalho docente. Segundo Freitas (1995, p.63).

A avaliação não se restringe a instrumentos de medição, mas acaba sendo configurada como instrumento de controle disciplinar, de aferição de atitudes e valores dos alunos.

Em seu trabalho clássico Libâneo(1995) compreende que a avaliação escolar é um processo de ensino que visa, através da verificação e qualificação dos resultados obtidos, determinar a correspondência destes com os objetivos propostos e, daí, orientar a tomada de decisões em relação às atividades seguintes.

Qualquer que seja o processo de avaliação a ser adotado, ele concentra uma série de decisões que se expressam na ação prática do professor quando avalia seus alunos, toma novas decisões a partir dos resultados da avaliação, mantém ou reformula seus planos. Retomando o pensamento de Libâneo (1995), segue-se que cumprindo sua função didática, a avaliação contribui para a assimilação e fixação, pois a correção dos erros cometidos possibilita o aprimoramento, a ampliação e aprofundamento de conhecimentos e habilidades, e desta forma, o desenvolvimento das capacidades cognitivas.

A avaliação então é um processo abrangente da existência humana que implica uma reflexão crítica sobre a prática, no sentido de captar seus avanços, suas dificuldades e possibilitar uma tomada de decisões sobre o fazer para superar os obstáculos.

A avaliação educativa é um processo integral, sistemático, gradual e contínuo que começa quando se inicia o estudo de uma situação e continua através de todo o processo educativo, culminando com uma análise sobre o desenvolvimento intelectual, social e mental do educando (NERECI, 1984).

Luckesi (2011) em sua pesquisa publicada no livro *Avaliação da aprendizagem escolar: estudos e proposições* denomina de “pedagogia do exame” a cultura escolar que monta as micro-relações de poderes na cultura escolar,

reiterando a superioridade do professor que dirá quais alunos e alunas terão ou não acesso a determinados saberes se apoiando no processo avaliativo. Criando personalidades submissas nos educandos e uma educação que apenas reproduz o controle neoliberal, que, como já definiu o filósofo francês Michel Foucault (2002), a escola não como reflexo, mas como parte integrante da sociedade, cria corpos dóceis às formas de submissão e aptas ao trabalho.

Compreendemos que o processo avaliativo não tem fim na sala de aula, sendo os corredores, cantinas, quadras e demais espaços também formativos. Compreendemos ainda que o processo de avaliação abrange não apenas a relação do professor (avaliador) e do aluno (avaliado) no microcosmo da sala de aula, mas também a nível macro, como afirmado anteriormente, servindo como coesão junto ao PPP da escola e junto às estratégias e políticas públicas do sistema de ensino, seja ele da esfera municipal, estadual, federal ou privada (FREITAS; Et. Al., 2009). Porém, de todo modo, nos retermos às tessituras formadas e formuladas a partir e na sala de aula.

3 Por quê, para quê, como e quando avaliar: procedimentos geminados

Segundo Libâneo,

os professores não tem conseguido usar os procedimentos de avaliação para atender a sua função educativa, porque o professor reduz a avaliação à cobrança daquilo que o aluno memorizou, usando a nota como instrumento de controle; o professor utiliza a avaliação como recompensa dos bons alunos e punição dos desinteressados ou indisciplinados: o professor confia demais em seu “olho clínico” e dispensa verificação parciais no decorrer da aula, traçando o destino dos alunos nos primeiros meses do ano letivo; o professor rejeita as medidas quantitativas de aprendizagem em favor de dados qualitativos, considerando as provas como prejudiciais ao desenvolvimento autônomo e da criatividade dos alunos. Falham também os que utilizam apenas de medidas quantitativas. No primeiro caso a avaliação se perde na subjetividade dos professores e alunos. No segundo caso a avaliação é vista apenas como medida e é mal utilizada. Deve-se considerar a relação mutua entres os aspectos quantitativos e qualitativos (1990, p. 196)

A observação e a análise são imprescindíveis enquanto instrumentos de avaliação do professor e do aluno. O professor em seu fazer pedagógico, observa cada aluno em diferentes momentos de sua produção. Não se trata de analisar apenas o que é produzido, mas como se desenvolveu o processo de produção: ter a atenção voltada para o que foi feito sendo acrescentado, desenvolvido e enriquecido

durante a trajetória de cada aluno. E o registro deste processo é importante tanto o individual como o de classe. Mas a avaliação não se limita à ação do professor. Para que o aluno se torne cada vez mais senhor do seu próprio processo de aquisição do conhecimento é preciso criar instrumentos para que ele registre suas conquistas e dificuldades a superar.

Por isso o processo avaliativo deve estar intimamente ligado ao planejamento em suas variadas dimensões. Assim o professor deve fazer: primeiro uma avaliação diagnóstica para levantar o que os alunos sabem. Depois a etapa da avaliação formativa, feita continuamente, para verificar se os conteúdos previstos estão sendo compreendidos. Por fim a avaliação somativa, que leva em conta a participação durante todo processo é o produto final e pode incluir até uma prova.

Nesse paradigma, o avaliador ao assumir o papel de coordenar e orientador deve promover situações e/ ou propor uma tarefa que favoreça o diálogo, a discussão, a busca e a análise crítica sobre o funcionamento real de um programa e, em seguida, estimular a iniciativa do grupo na reformulação do programa da avaliação. Para que isso ocorra, de maneira eficaz, é necessário que o avaliador reúna habilidades de relacionamento interpessoal, enfatizando o trabalho coletivo e envolvendo os seus participantes tanto no processo de avaliação quanto no de transformação. A proposta apresentada traduz a avaliação como necessária, porém não coloca o avaliador como absoluto e sim, como um ser sensível, receptivo aos sinais, detectando as potencialidades e possibilidades infinitas do ato de prender, pondo em foco um avaliar, avaliando-se. Abrindo novos caminhos para suprir às dificuldades impostas a realidade escolar.

Na mesma esteira, Vasconcelos nos diz que: “a avaliação faz parte do processo educacional, não devendo ter uma ênfase desmedida, como se fosse o elemento mais importante” (1995 p. 113). Assim, a avaliação não pode ser utilizada para medir o que o aluno aprendeu, é preciso acompanhar o processo de construção do conhecimento do aluno.

O conceito de avaliação da aprendizagem que tradicionalmente tem como alvo o julgamento e a classificação do aluno necessita ser redirecionada, pois a competência ou incompetência do aluno é reflexo da incompetência ou competência da escola, não podendo a avaliação escolar, portanto, restringir-se a um dos seus elementos de forma isolada. Com esse enfoque, desponta como finalidade principal da avaliação o fornecer sobre o processo pedagógico informações que permitam

aos agentes escolares decidir sobre as intervenções e redirecionamentos que se fizerem necessários em face ao projeto educativo definido coletivamente e comprometido com a garantia da aprendizagem do aluno. Converte-se, então, em um instrumento referencial e do apoio às definições de natureza pedagógica, administrativa e estrutural, que leva as classificações. Como um processo de pesquisa e investigação, a preocupação desloca-se dos procedimentos e instrumentos para os princípios e fins.

Portando avaliação não é um fim, mas um meio que permite ao professor verificar até que ponto os objetivos estão sendo alcançados, identificando os alunos que necessitam de atenção individual ou em pequenos grupos e formulando seu trabalho com a adoção de estratégias que possibilitem prevenir novas dificuldades com relação às aprendizagens desenvolvidas e a outras que dela dependam; Sanar as deficiências identificadas. Sendo a avaliação um método de adquirir evidências necessárias para melhorar o ensino e aprendizagem.

O princípio meritocrático que tem embasado a educação neoliberal tem mantido reiteradamente a ilusão de uma “educação para o sucesso” (PINO, 2008), que alimenta em seu par binário dialético e dialógico a “educação para o fracasso”. Constantemente professores se apoiam na retórica da crítica ao “aluno que não quer nada”, a “família que não acompanha”, mas não produz auto-avaliação ou autocrítica (talvez por um *déficit* consequente dos currículos universitários) na formulação de estratégias metodológicas e avaliativas em sala de aula. No par oculto do “sucesso” se produziu a categoria “fracasso” escolar, sendo esse legitimado “através das práticas avaliativas existentes nas escolas que reforçam as diferenças entre as classes sociais, privilegiando aquelas que têm sua cultura identificada com os currículos escolares” (FERNANDES, p. 1).

O fracasso selecionaria “aqueles que querem”, o “joio do trigo”, que melhor se adaptaram às formas de controle que tem sido a escola, corrobora Arroyo

os modelos de análise e intervenção pressupõem que os setores populares não serão capazes de acompanhar o ritmo ‘normal’ de aprendizagem. Chegam [os alunos] à escola defasados, com baixo capital cultural, sem habilidades mínimas, sem interesse... Chegam à escola reprováveis(2000, p. 18)

No artigo intitulado *Exclusão escolar: a história continua no século XXI*, o pesquisador Mauro Pino publica parte de sua pesquisa de mestrado intitulada “O lugar do professor na exclusão escolar” e aponta para necessárias mudanças no

processo de leitura e intervenção das avaliações escolares a partir da supressão da escola do sucesso/fracasso, para a emergência do conceito de exclusão *da* escola exclusão *na* escola. O conceito foi desenvolvido por Ferraro (2004) na década de 1990 e problematiza a exclusão de alunos e alunas da escola a partir da evasão escolar ou da perda da matrícula por esse aluno por qualquer que seja o motivo, e da exclusão na escola, que retoma à exclusão dentro da escola, de mecanismos de repetência e reprovação, sendo estes responsáveis pelos índices das Taxas de Rendimentos (reprovação, abandono e aprovação) e da distorção Idade-Série causada pela presença de alunos e alunas com dois anos ou mais de diferença da série padrão especulada.

Percebemos que avaliação é central em todo o processo que compõe a cultura escolar. Não apenas para ler os caminhos da aprendizagem dos alunos, mas como instrumento que deve ser operacionalizado junto a outros como aprendizagem, conteúdos, formação continuada de professores e até exercício da cidadania e democracia na escola.

4 CONCLUSÃO

Essa pesquisa, no bojo dos referenciais teóricos abordados, permite compreender como a avaliação é uma atividade permanente no trabalho do professor e um processo permanente de aprendizagem na construção do conhecimento do aluno. Após a análise do material bibliográfico e das observações realizada na instituição escolar nas séries iniciais do ensino fundamental, percebeu-se que houve aprofundamento teórico e melhor compreensão do papel da avaliação na melhoria do processo educacional.

De acordo com as observações feitas sobre as avaliações, o estudo realizado serviu de embasamento permitindo aos professores conhecer, refletir e rever certas práticas avaliativas, renovar alguns conceitos, analisar critérios e instrumentos avaliativos; colocando a avaliação como parte do processo escolar que objetiva o sucesso do aluno e não mais como atividade que se encerra em si mesma.

Foram ricos momentos de discussão, troca de experiência, desabafo, interação que, de forma positiva colaborou para o crescimento dos participantes nesse processo, percebendo que as “angústias” que afligem os professores, possuem certa similaridade quando se trata de avaliação.

Ficou evidente a necessidade de reflexão e troca de ideias quanto ao tema, já que não há receitas prontas e a maioria dos professores buscam melhorar sua atuação como docente refletindo sobre o desafio de avaliar, visando maior coerência para atingir os objetivos propostos que é acompanhar o processo de construção do conhecimento do aluno a fim de avançar em direção a uma educação a uma educação democrática para todos.

Bem como de uma leitura interseccional dos gestores escolares e dos professores quando seus olhos apontam para os alunos e alunas. Um processo avaliativo sensível à aprendizagem, aos sentimentos, aos conteúdos, aos comportamentos, aos contextos, aos desejos não significa uma avaliação “mais fácil”, haja vista que essa pode ser uma preocupação tendo como horizonte a competitividade do sistema capitalista ultraneoliberal; defendemos que é o exato oposto, uma educação preocupada com a autoestima dos educandos, que constrói a educação em sistemas de parcerias e coalizões de força nos parece mola propulsora de melhores resultados nos índices de avaliações estatais que financiam as políticas públicas na educação.

REFERÊNCIAS

FERNANDES, Claudia O; FREITAS, Luiz C. **Indagações sobre Currículo: Currículo e Avaliação**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2008.

FERNANDES, Claudia O. **Fracasso escolar e escola em ciclos: tecendo relações históricas, políticas e sociais**. Disponível em: <<https://www.campinas.sp.gov.br/arquivos/fracassoescolareescolaemciclos.pdf>>, acessado em 01 de nov. de 2022.

FREITAS, Luiz C. **Crítica da Organização do Trabalho pedagógico e da didática**. 7 ed. Campinas: Papirus, 1995.

FREITAS, Luiz C [et. Al.]. **Avaliação educacional: caminhando pela contramão**. 2ª ed – Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

HOFFMANN, Jussara. **Avaliação Mito & Desafio**. Porto Alegre: Mrdiação. 2009

KRAEMER, Maria E. P. **Avaliação da aprendizagem como construção do saber**. V colóquio internacional sobre gestão universitária em américa del sur, Mar del Plata, dezembro de 2005

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. 4 ed. São Paulo: Cortez, 1994.

LUCKESI, C.C. **Avaliação da Aprendizagem Escolar**. 14 ed. São Paulo: Cortez, 2002.

NERICI, Imideo G. **Didática, uma Introdução**. São Paulo: Atlas, 1984.

PAIN, Rodrigo S. **A educação decolonial e avaliação escolar: a importância desse diálogo**. Cadernos de estudos culturais, Campo Grande, MS, v. 1, p. 105-118, jan./jun. 2019.

PINO, Mauro A. B. **Exclusão escolar: a história continua no século XXI**. Caderno de Educação Unisinos, v. 12(2), p. 100-110, maio/agosto 2008.

VASCONCELLOS, Celso. **Avaliação: concepção dialética-libertadora do processo de avaliação escolar**. São Paulo: Libertad, 1995.

ZEFERINO, Angélica M. B.; PASSERI, Silvia M. R. R. **Avaliação da aprendizagem do estudante**. Cadernos ABEM, Volume 3, p. 39 - 43 Outubro 2007

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pelas vitórias, por suas mãos que me guiam e me sustentam; à minha família, base estrutural de quem sou.

Aos colegas professores Luiz Júnior e Branka Barbosa pelo trabalho mútuo e generoso no dia a dia do devir profissional.